Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 222 • Uberaba/MG • de 1 a 7 de outubro de 2002

ESPECIAL

SEMANA DE SEMINÁRIOS

LITERATURA

Zuenir Ventura e o direito à imaginação

págs. 3, 4 e 5

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Estudantes de graduação apresentam projetos

pág. 7

EDUCAÇÃO FÍSICA

Alunos resgatam brincadeiras tradicionais

pág. 8

issuu-downloader.com

Artigo

Semana de Seminários

Elsie Barbosa

A Semana de Seminários é testemunha que a Universidade é o lugar da integração do conhecimento, da arte, da cultura; do estudante com os professores, com os funcionários e todos estes com a sociedade que acolhe o nosso convite.

Em cada evento, um modo de perceber o mundo; com um novo recorte, temas da atualidade são científica e artisticamente trabalhados.

Há uma dissimetria de olhares, mas há uma convergência no encontro.

É com esta certeza que nos seminários, conversamos com cientistas, artistas e estudantes para construir o princípio de uma solução pacífica para os problemas que afligem a sociedade, as interrogações que inquietam os estudiosos.

Além disso, entre sessões de comunicação científica a Universidade de Uberaba proporciona a todos a vivência da emoção dos espetáculos de música e de dança; as surpresas do folclore, de feiras de comidas típicas e artesanatos, encontros estes programados especialmente para tornar a participação de todos ainda mais rica e agradável.

O resultado da vivência destes dias é a construção de novos olhares dos docentes, dos discentes, dos convidados e dos amigos da Instituição.

A Semana de Seminários simboliza mais uma vez, um momento científico/cultural do nosso contato com o ser da Universidade/Universalidade/Unidade.

Que no seu final, todos tenhamos entendido que a cada dia inaugura-se algo de novo neste campus, novo porque universal.

Elsie Barbosa é Vice-Reitora da Universidade de Uberaba

OMBUDSMAN

O universitário e a política

Newton Luís Mamede

As grandes transformações políticas por que passa a sociedade sempre contam com a participação de estudantes universitários, ora com menor, ora com maior intensidade. A história está repleta de registros de fatos que contaram com a atuação desses estudantes. Mesmo não agindo sozinhos, e sim associados a outros segmentos da sociedade, eles sempre marcam sua presença e participação ativa nos grandes eventos políticos e sociais que fazem a história.

Essa participação é resultado da consciência crítica de que o universitário é (ou deve ser) dotado. Consciência que, por sua vez, resulta de elevado grau de esclarecimento intelectual e cultural. A abertura da inteligência clareia os fatos e permite conhecê-los e interpretá-los à luz da razão, sem o empirismo do simples diletantismo. Estudante de curso superior detém a superioridade do saber e do entender o homem e o mundo, e de promover transformações. A alienação política, nesse caso, é anulada ou atenuada, e a consciência crítica impele à participação e à ação.

O universitário deve estar imbuído de sua responsabilidade cívica que interfere na participação política

Sem nos preocuparmos com a citação e enumeração dos fatos que comprovam essa participação através dos tempos, vamos deter-nos aos dias de hoje, com um rápido retorno à década de 1960. Nestes quarenta anos, o mundo passou por várias mudanças. Numa aplicação social e política da lei física da ação e reação, podemos afirmar que a ação das ditaduras ou dos governos tradicionais e apegados ao *status quo* das poderosas oligarquias gerou a reação da atuação estudantil universitária. Haja vista o famoso *maio de 1968* na França, e praticamente todo o mesmo ano de 1968 no Brasil. Isto: aqui mesmo, em nossa *casa*. À ação da força e das armas correspondeu a reação da inteligência e da consciência esclarecida.

Por mais que se afirme que essa participação estudantil não deu em nada, os fatos mostram o contrário. Os destinos do mundo contaram, sim, com a atuação dos estudantes, mesmo que não tenha sido absoluta ou da forma como fora planejada e intencionada. O *dedo* da classe estudantil não fugiu à luta, deixou também suas impressões na história. Dedo que muitas vezes teve de demonstrar verdadeiros atos de coragem e de heroísmo, com o sacrifício até da própria vida, em nome de um ideal superior e nobre. Isso, em várias partes do mundo. E aqui, em nossa pátria, a classe estudantil, associada a outros segmentos, cumpriu patrioticamente o que prevê um dos versos de nosso famoso Hino Nacional: *Verás que um filho teu não foge à luta*.

A consciência crítica gera, também, a consciência política. O universitário deve estar imbuído de sua responsabilidade cívica que interfere na participação política. Não a simples política partidária e de competição, mas a política do saber, do ver, do julgar, do agir. A política da promoção do bem e do desenvolvimento social. A política que destrói o atraso e constrói o progresso. A política faz a história *de um povo heróico*.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica do Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Literatura

Zuenir Ventura defende o direito à imaginação

Jornalista e escritor conversa sobre literatura, Internet, 1968, e fala de seu par de meias "espetaculares"

André Azevedo
2º período de Jornalismo

O jornalista e escritor Zuenir Ventura esteve no auditório da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, na noite de 26 de setembro, para participar do projeto Tim-Estado de Minas: Grandes Escritores, uma parceria com os programas Pró-ler e ArtEducação.

Ventura trabalhou como repórter, redator e editor em vários órgãos da imprensa brasileira. Ganhou o prêmio Esso de Reportagem e o Prêmio Wladimir Herzog de Jornalismo em 1989. É autor de *1968: o ano que não terminou*; *Cidade partida*; *Mal secreto* (sobre a *inveja*, o primeiro volume da coleção *Plenos Pecados*); e *Crônicas de um fim de século*. Atualmente é colunista semanal do jornal *O Globo*, da revista *Época* e do site *www.nomimino.com.br*.

Nas últimas semanas, o jornalista tornou-se célebre por causa de suas *meias* tidas como "espetaculares". Em uma crônica publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, o escritor Luís Fernando Veríssimo, comentando o debate que o jornalista mediou entre candidatos a presidência da república, escreveu que uma "rápida pesquisa da platéia no fim das entrevistas teria dado um resultado: as meias do Zuenir Ventura para presidente!"

A entrevista a seguir foi concedida ao **Revelação**, na manhã de 26 de setembro, no saguão do Hotel Manhattan, na presença de Olga Frange, coordenadora do ArtEducação em Uberaba, e Juliana Magnino, assessora de imprensa.

Revelação: Por que é importante discutir as meias de Zuenir Ventura?

Zuenir Ventura: (risos) É, eu descobri que fiquei famoso agora pelas meias. Isso foi uma brincadeira do Veríssimo. Eu estava mediando uma mesa dos candidatos – era com o José Serra – e a *mesa* propriamente dita era aberta, embaixo. Eu não estava nem com *aquelas* meias, porque eu gosto muito de meias, sou pavão ao contrário, a única coisa bonita que eu tenho são os pés. Mas eu já devia desconfiar, porque estavam sentados, na primeira fila, o Veríssimo e o Chico Caruso. Quando juntam dois humoristas, evidentemente vem sacanagem. Uns dias depois, eu abro o jornal (risos) e vejo aquela crônica. Aí eu não tive mais sossego! Eu chego e as pessoas puxam minha calça para olhar a meia. (risos) Eu, que queria ser famoso pelas coisas que eu escrevo, vou ficar famoso pelas meias que eu uso. Espetaculares, como diria o Veríssimo.

Revelação: Já ouvi críticas que acusam cronistas de usar espaço precioso de jornal para escrever futilidades - como a vista para o mar do apartamento - no lugar de apresentar temas importantes. O que acha disso?

Zuenir: Não concordo, porque há outras pessoas que criticam justamente quando a gente só escreve sobre assuntos pesados, quando só fala de tragédia. E isso serve para a imprensa em geral. Perguntam: *por que vocês só vêem esse lado da vida, só vêem as coisas ruins? A* imprensa já tem um pouco daquele princípio de que notícia *boa* é notícia ruim. A crítica mais geral, hoje, é de que os jornais só falam de coisa ruim. É como se a gente realmente tivesse um olhar meio patológico, de escolher só as coisas desagradáveis. Então é o contrário, temos que equilibrar um pouco.

Toda a apreensão, seja jornalística, seja literária, acaba sendo mais *recriação* do que *transcrição* da realidade

Revelação: É possível ser otimista no jornalismo?

Zuenir: O meu olhar, a minha maneira de ver é otimista. Eu sou uma pessoa otimista. Eu curto um dia de sol, eu curto o Rio de Janeiro pelas suas belezas, eu sofro com aquela violência. Eu, se pudesse, só escreveria crônica sobre a praia e sobre o mar (risos), sobre as mulheres do Rio de Janeiro, sobre aquilo que o Rio tem – e é realmente fascinante – que é esse hedonismo, essa energia vital que tem a cidade, que tem aquele povo, sobretudo a população mais carente, mais desprotegida. Se pudesse, eu só olharia *esse* lado da vida.

André Azevedo

Autor de *1969: o ano que não terminou*, esteva na cidade para conversar com leitores

Revelação: Qual a importância da crônica de costumes no jornalismo?

Zuenir: De certa maneira, foi o Brasil que descobriu esse tipo de crônica. Isso começa já no fim do século XIX com o Machado, mas a principal caracterização vem nos anos 40, que é aquela geração maravilhosa, do Rubem Braga, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Paulo Mendes Campos. Algumas das melhores crônicas do Rubem Braga são sobre a falta de assunto, sobre a amendoeira, ou sobre o homem que vem nadando, e ele acompanha, e não acontece nada! Esses cronistas nos ensinaram a olhar aquelas aparentes insignificâncias da vida – e que na verdade são muito significativas. Ao contrário daquela crítica, esse olhar para as miudezas do cotidiano, para aquelas coisas que aparentemente não têm importância, é realmente muito importante. A vida é feita disso. E, talvez, esse é o grande charme da crônica.

Esses cronistas nos ensinaram a olhar aquelas aparentes insignificâncias da vida, que na verdade são muito significativas

Revelação: Manchetes do tipo "*mercado assusta-se com nervosismo do dólar*", como se o mercado fosse um animal apavorado, parecem abusivamente metafóricas. O jornalismo ainda dá conta da realidade?

Zuenir: Eu acho que não. Sobretudo o que entendemos hoje por realidade. A realidade pós-moderna, não só no Brasil mas no mundo, é muito vertiginosa. Tudo é efêmero, veloz, passageiro, fugaz. A sensação que dá é a de que vivemos em uma sociedade onde o mundo é todo descartável, dura o tempo de uma notícia, dura alguns segundos na televisão, um dia no jornal. Essa é a sensação que a gente tem. E a gente realmente não dá conta. Eu acho até que toda a apreensão – seja jornalística, seja literária – acaba sendo mais *recriação* do que a *transcrição* da realidade. A gente está sempre em déficit com a realidade. A realidade – *ainda bem!* – é muito mais rica, muito mais complexa, do que a nossa capacidade de apreendê-la. Cada vez *menos* estamos dando conta dessa realidade tão complexa, que é essa chamada pós-moderna.

Revelação: O caso da Agência Estado, que noticiou a visita de um candidato presidencial à cidade de Palmas que não havia acontecido, é um acidente isolado ou um sintoma dessa sociedade veloz? [*Nota: A visita constava da agenda do candidato mas foi cancelada à última hora. A repórter havia redigido um texto preliminar e enviado as informações. Por um erro técnico, o texto acabou publicado*]

Zuenir: Acho que é um acidente. Mas nós, jornalistas, precisamos prestar muita atenção nisso. Por exemplo, eu já fui morto pela Internet! A Internet já me matou. Um

issuu-downloader.com

site de notícias – aliás, do Estadão – botou no ar que eu tinha morrido. Isso foi uma coisa que, num primeiro momento, foi muito engraçada. Mas, enfim, obituários já estavam sendo feitos, colegas meus – até hoje têm uma raiva danada de mim por isso (risos) – estavam tomando sua cerveja no bar e foram chamados para fazer o meu perfil, já que eu havia morrido. Tudo isso foi até muito engraçado; mas, durante pelo menos duas horas, meu filho ficou com essa notícia. Eu não conseguia desmentir e ele ficou achando que eu tinha morrido. Eu tenho parentes em outros lugares, e isso foi para o rádio. Imagina se a minha irmã tivesse ouvido isso?

Enfim, isso foi uma lição para todos nós. O que produziu isso? A correria! Aquela ânsia de um furar o outro. Como esse *site* tinha sido furado uns dias antes por um outro *site* – o da Folha – então realmente o repórter se precipitou. E isso ainda foi acontecer comigo, que sou uma figurinha de fácil apuração no Rio de Janeiro, sou conhecido no Rio. Pela notícia, o acidente de carro tinha acontecido ao meio dia e eu tinha morrido às seis da tarde. Imagina, todo o Rio de Janeiro teria sabido, por causa da minha família, meus amigos. Eu trabalho em uma revista, em um jornal, meu filho trabalhava no Jornal do Brasil. Era uma coisa fácil de apurar. Se isso acontece com uma pessoa de fácil apuração, imagina com um cidadão menos exposto. Eu chamei muita atenção para isso na época. Foi uma lição. Adianta achar que o furo é um valor absoluto e supremo do jornalismo? Não é! O melhor furo é a qualidade.

Revelação: Qual o sentido da literatura entre todas essas novas tecnologias de contar histórias, como o cinema e a TV?

Zuenir: A escrita, no sentido mais geral – não só a literatura – tem uma possibilidade que a imagem não tem, que é de possibilitar, de dar o direito a você exercer o seu imaginário. O personagem de televisão vem pronto. Na literatura, ele vem como um estímulo para você imaginar, criar, construir. E a sua construção é sempre mais rica do que a imagem pode fazer. É aquela história de que a imagem vale por mil palavras; mas, para você dizer isso, tem que usar palavras, você não diz isso com imagem, né? Você precisa da palavra para explicar aquela idéia.

A medida em que você vai lendo, vai melhorando, como em qualquer exercício. Vai aprimorando seu gosto, ficando mais exigente

Revelação: Como avalia o impacto da Internet na literatura?

Zuenir: Essa história de que a televisão acabou com a literatura, o computador acabou com o livro, a Internet acabou com não sei o quê, isso é uma constatação apocalíptica que não tem o menor sentido. Já que estou falando em apocalíptico, vou lembrar de Umberto Eco, que é um dos maiores homens de letras. Ele diz que a Internet veio para salvar a palavra escrita. Se a televisão estava matando, a Internet pode salvá-la. É um raciocínio interessantíssimo. Realmente, nunca se escreveu tanto como se escreve hoje. Eu não sei se estão escrevendo *melhor*, tem esse negócio dos *e-mails*, como *vc, tc, tb* [abreviações de *você, teclar* e *também*], mas a verdade é que estão escrevendo muito. E isso é bom, é melhor que não estar escrevendo como a geração anterior, antes da Internet, que ficava diante da televisão.

Revelação: Então você é um integrado? [nota: o contrário de apocalíptico, segundo Umberto Eco]

Zuenir: É, sou realmente um integrado (risos). Acredito na linguagem escrita, acho que o prazer do livro é um prazer insubstituível, mas não gosto desse Fla-Flu de botar um contra o outro. Eu gosto muito da imagem, gosto muito de cinema – acabei de fazer dois documentários. Televisão nem tanto, mas gosto, acho a televisão uma coisa importante. Computador, eu já tenho uma relação meio complicada com ele, porque ele me acha muito incompetente e eu acho ele muito burro. O computador tem uma memória que eu não tenho – eu morro de inveja porque eu não tenho essa memória prodigiosa. Mesmo assim, reconheço sua importância, escrevo em um *site*, vejo que o computador veio pra ficar e trouxe grandes contribuições – inclusive para a literatura, porque você faz coisas hoje que não faria sem o auxílio do computador.

Revelação: Rubem Alves já disse que, da mesma forma que o corpo passa mal quando comemos comida estragada, ler literatura ruim faria mal para a alma. Você concorda com isso ou acha que ler porcaria é melhor que não ler nada?

Zuenir: Já que é para usar metáfora, você não vai deixar de comer porque está correndo o risco de comer porcaria a todo momento. Você não pode chegar a esse ascetismo e dizer: *já que comi uma vez e me fez mal, tive uma indigestão e não vou comer mais*. Tem comida boa, você pode escolher, e aquilo não é razão para fugir da comida, que, no caso, esse alimento é a literatura. Claro que não pode ter só comida estragada, mas é melhor ter, no meio da comida boa, eventualmente, um pouco de comida estragada, do que não ter nenhuma. O organismo cria anticorpos, se defende (risos).

Revelação: Harold Bloom [crítico literário] critica os entusiastas de Harry Potter, argumentando que, quando as crianças crescerem, serão leitores de Stephen King e se contentarão com literatura de nível médio. O que acha disso?

Na literatura, o personagem vem como um estímulo para você imaginar, criar, construir. E a sua construção é sempre mais rica do que a imagem pode fazer

Zuenir: Aí eu acho que é completamente furado, é uma posição elitista. Aliás, Harold Bloom é um elitista – é um cara da maior importância, mas tem uma posição elitista. Eu diria como o meu amigo José Hugo Fonseca. Estávamos conversando, e ele todo indignado, todo divertido, dizendo: *Pô, eu acho besteira isso que críticos falam do Paulo Coelho! Eu quero muito Paulo Coelho*! Então eu disse: Mas Zé Hugo, você acha que depois do Paulo Coelho o cara vai ler Rubem Fonseca? Ele disse: *Pô, não estou interessado nisso, eu quero que venda livro, quando mais livro vender, o que precisar ser feito para vender livro tem que ser feito*.

Eu acho legal isso. É o seguinte: quando você adquire o prazer da leitura, o prazer de pegar naquele livro, de sentir o cheiro do livro, pra mim é uma relação quase que erótica com o papel. Pode ser livro novo ou até aquele velhinho mesmo, você pega, toca, e isso aí, quando você se habitua nesse prazer, não abandona mais.

Da mesma forma que os traficantes fazem tudo para viciar os meninos em droga, eu faria tudo para viciar os meninos em livro, para ser dependente de livro – o que precisasse fazer! Harry Potter? Ótimo! O que precisasse ser feito para levar o livro, em um momento de tanta concorrência, como falou há pouco, é bem vindo Harry Potter e quantos vierem, porque esse prazer depois contagia e ele vai ser usado, aplicado em outras buscas. À medida em que você vai lendo, vai melhorando, como em qualquer exercício. Vai aprimorando seu gosto, ficando mais exigente. Depois vai querer um pouco mais, vai se preparando para uma leitura mais complexa, para um nível maior, melhor. Enfim, eu acho positivo.

Revelação: *1968: o ano que não terminou* é uma importante referência para a minha geração entender melhor o que foi, de fato, aquela época. O livro foi feito com essa intenção?

Zuenir: Você tem razão, sabe que esse livro vem vendendo até hoje? É uma coisa curiosa, e meio misteriosa pelo seguinte: a primeira leva de leitores foi daqueles personagens que tinham *vivido* 68. O livro foi feito 20 anos depois, então quem tinha 40 anos ia buscar reencontrar com aquele momento. Depois disso, o livro passou a ser lido pelos filhos desta geração, e hoje acho que pelos netos. Agora mesmo, eu estava autografando um livro para um menino, e perguntei quantos anos tinha. Ele disse que nasceu em 65, mas queria vivenciar aquela época. Então é um pouco o que eu chamo de nostalgia do não vivido, que é querer voltar a uma época que não é a sua.

Revelação: Pessoas dizem muita besteira sobre os anos 60?

Zuenir: Os anos 60 de maneira geral – e 68 é a culminância daquilo tudo – foram anos tão abertos, uma obra tão aberta, que cabem todas as leituras. Eu tenho muita tolerância em relação a todas as visões. A minha visão é *uma* das visões possíveis de 68. Eu admito todas as visões, inclusive as visões opostas. Não classifico como besteira mesmo aquelas que contradizem a minha visão. 68 teve essa riqueza, de permitir todas essas leituras possíveis.

Revelação: Você escreveu que a revolução sexual dos anos 60 foi muito mais teórica do que prática. Explique isso.

Zuenir: Uma das coisas curiosas de 68 é que grande parte das coisas que a gente vive

issuu-downloader.com

hoje foram plantadas em 68. Esse cabelo que você tem, amarrado atrás, só foi possível por causa de 68. Se a Juliana estivesse de minissaia eu diria: olha, você está com essas pernas de fora aí - e você pode estar! - sem ninguém te atacar nas ruas, por causa de 68. Ontem fui a uma cachaçaria e observei, em uma mesa, cinco garotas, sozinhas, tomando chope. Eu falei: que coisa curiosa. Na minha época – eu fui criado em cidade de interior – imagina se menina podia sair pra ir sozinha tomar chope no bar? Ia ficar mal falada. Então, às vezes a sua geração nem se dá conta dessas conquistas todas. Pra vocês, isso que eu disse deve parecer um absurdo, vocês já nasceram podendo usar cabelo comprido e minissaia. Mas essas coisas foram conquistas de 68. E cada conquista dessa teve um custo. Imagina, em 67, sair com esse cabelo na rua! Em alguns casos, as pessoas jogavam pedras, gritavam bicha, bicha, bicha, veado. Então, 68 teve essa coisa revolucionária de chamar a atenção.

Grupo de teatro *Tim-ArtEducação* encenou trechos do livro *Inveja: mal secreto*, de Zuenir Ventura

Revelação: Essas conquistas não puderam ser realizadas na época?

Zuenir: Nem sempre realizou. A geração das mulheres daquela época, de certa maneira, tinha uma teoria, uma coisa na cabeça – o amor livre, o casamento aberto e aquelas coisas todas – mas quando pintava a vida real, o ciúme, aí desmontava tudo. A cabeça anda mais rápido que a emoção, do que o afeto. Eu me lembro daquela cena inicial daquele *reveillon* [do livro *1968: o ano que não terminou*]. O casal era o mais moderno daquela época, mais *pra frente*, e o cara dá uma porrada nela, mete uma bolacha, porque ela estava dançando com um cara! Podia dançar com todos, menos com aquele, porque ele tinha ciúmes daquele. Então toda teoria ia para... (risos). Mas, enfim, em toda revolução – e vejo que houve uma revolução sexual, talvez tenha sido a única de comportamento sexual – apesar disso, ela se realizou e avançou. Agora, revolução se faz assim, de idas e vindas. Não é uma coisa fácil, porque você está lidando com o coração. A cabeça manda fazer uma coisa mas o coração diz: *não, pô, eu não faço! Isso eu não faço*! Teve essa ambigüidade, muito curiosa, que não diminui a importância daquela geração e das suas conquistas.

Pode ser livro novo ou até aquele velhinho mesmo, você pega, toca, e isso aí, quando você se habitua nesse prazer, não abandona mais

Revelação: É mais difícil ser rebelde hoje?

Zuenir: Você sabe que eu acho que é? Os meninos fazem muito uma pergunta parecida com essa: *o que você acha dessa juventude hoje?, não querem mais nada, é uma juventude acomodada, que não se empolga com nada etc*... Eu digo que quem tem de fazer essa pergunta sou eu para vocês, e não vocês pra mim! Vocês é quem têm que me responder. Eu não sei (risos).

Mas, enfim, vamos tentar encontrar, e aí a gente começa a conversar, e eu começo a dizer o seguinte: por que, naquela época, era mais *doloroso* mas era mais fácil? Porque você tinha um inimigo muito visível. Você tinha uma ditadura, tinha um ditador lá, de plantão, e você lutava contra aquilo, contra aquele cara. O inimigo tinha rosto, tinha arma na mão, queria te dar porrada. Hoje, quem é o inimigo? Você falou agora há pouco no mercado. Pois é, a gente fala mal do mercado, mas *o que é o mercado*? Quando você falava mal da ditadura naquela época, tinha nomes: era o Castelo Branco, era o Costa e Silva, era o Médici. E não só tinha nome, como tinha arma na mão!

Revelação: O inimigo se declarava.

Zuenir: Pois é, você lutava contra tanque na rua. Hoje você vai fazer uma passeata e dificilmente leva porrada, dificilmente vai preso por isso. Naquele momento, a cada saída você corria o risco de apanhar, ir preso e às vezes ser torturado. Era muito mais doloroso, doía muito mais, mas era, digamos, mais fácil para você ser rebelde.

É até complicado dizer isso, eu falo com um certo cuidado para não haver uma leitura equivocada do que estou dizendo. Eu quero dizer o seguinte: hoje o mundo é muito mais complexo. Naquele tempo, você tinha uma ideologia que sempre te garantia qualquer posição. Você já tinha a posição anterior. *De que lado esse cara está? Está do meu lado ou está contra mim? Se está contra mim, pronto: é o meu inimigo*. Hoje, onde está o mal? O mal às vezes está junto do bem, está dentro do bem, misturado com o bem. Então é uma confusão muito grande. Você querer que um menino de 18 ou 19 anos entenda este mundo... eu que tenho 71, na maioria das vezes não entendo, (risos) é realmente difícil. A gente tinha naquela época um mundo maniqueizado. Você tinha de um lado as trevas e de outro a luz, eu estou do lado do bem e do lado de lá é o mal. Era mais fácil a ação política, a tomada de posição e a radicalização. Hoje você tem um mundo muito mais ambíguo. É mais difícil realmente, hoje, ser rebelde.

Revelação: Isso me lembra o Bush. Para você, o que significa esse retorno, nos dias de hoje, ao maniqueísmo do bem contra o mal?

Zuenir: Quando você cria esse maniqueísmo, é muito mais fácil dizer que o mal está do outro lado e você, portanto, está do lado do bem. Ele criou esse negócio chamado eixo do mal, quando, na verdade, no meu ponto de vista, o mal é ele.

Revelação: Por que jornalista de cidade grande costuma achar que jornalista de cidade pequena é débil mental?

A escrita tem uma possibilidade que a imagem não tem, que é dar o direito a você exercer o seu imaginário

Zuenir: Pois é, porque nós somos débeis mentais auto-suficientes, muito metidos à besta, muito etnocêntricos. O etnocentrismo é aquila coisa: a gente acha que o mundo gira em torno do umbigo da gente. E isso, de maneira geral, não é só jornalista não, são os intelectuais em geral. A gente acha que tudo passa pelo eixo Rio-São Paulo. O que não passa por ali, não existe. A gente acha que não há inteligência fora do eixo Rio-São Paulo. E aí, quando a gente viaja – e eu tenho viajado muito, e tenho constatado – chego em cidades (eu já não gosto de usar essa palavra *interior*, porque o etnocentrismo já aparece aí: eu sou o centro e o resto é periferia) e tenho me surpreendido muito encontrando inteligência, e tenho escrito exatamente por isso. Me surpreendo, não escondo essa surpresa que eu tenho, sabendo que é uma surpresa cheia de preconceito, cheia de estereótipo, de chegar e dizer assim, como acabei de contar: pô, encontrei uma repórter maravilhosa em Belo Horizonte que é capaz de fazer uma entrevista comigo, por telefone e registrar o que eu disse de forma impecável. Eu canso de dar entrevista em jornais de São Paulo, jornais do Rio, e muitas das vezes sofro com a transcrição. Então a gente tem preconceitos muito grandes em relação àquilo que não está em volta de nosso umbigo.

Pra mim, tem sido uma experiência muito rica essa de chegar às cidades pequenas e encontrar pessoas interessantíssimas. Eu já escrevi sobre isso, dizendo o seguinte: até porque as condições de vida facilitam, você não tem o trânsito que tem em São Paulo, que fica duas horas dentro do carro – duas horas pra ir e duas pra voltar! –, você não tem aquela aflição da violência – *ainda* não tem, tomara que não venha a ter, no nível que a gente tem no Rio – e então permite ter uma vida mais contemplativa, no sentido de que as pessoas prestam mais atenção nas coisas. Eu encontro pessoas nesses lugares que conhecem a minha obra melhor do que eu, porque leram com mais atenção. As pessoas prestam atenção em você, têm um respeito, conversam mais. Depois de uma palestra ainda vai jantar, você faz amigos – eu tenho feito amigos em 24 horas. Então, pra mim, tem sido uma *coisa*! Eu chego no Rio contando isso, e os colegas se surpreendem. Porque, realmente, de lá você não faz idéia! Você acha que está tudo ali, o resto é o resto. Escrever sobre isso é uma espécie de auto-crítica que faço.

issuu-downloader.com

Universidade recebe Universia

Portal foi criado com o objetivo de facilitar a troca de informações acadêmicas

Da redação

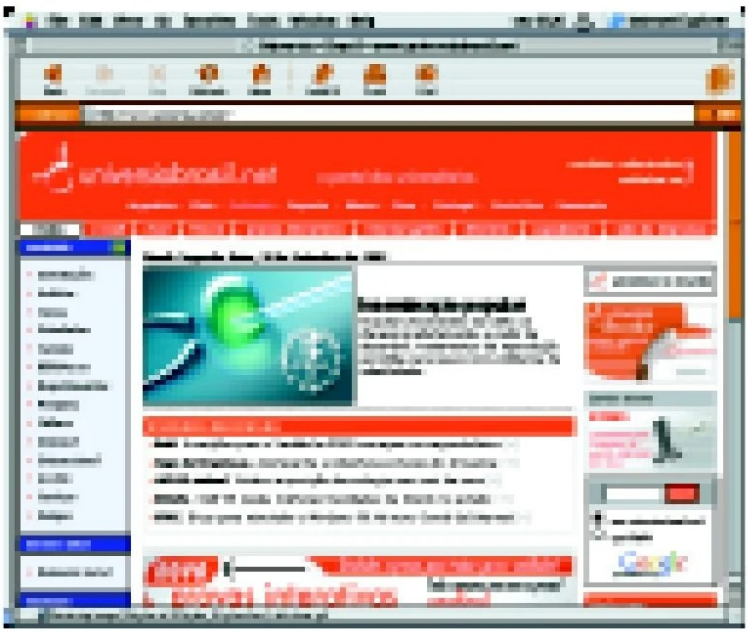
O Universia Brasil é um portal de educação que oferece serviços e informações com o intuito de proporcionar uma melhora na qualidade de vida de todo coletivo universitário. A equipe do Universia está no salão da Biblioteca Central da Uniube, desde o dia 24 de setembro onde permane-cerá até o dia 11 de outubro divulgando todos seus benefícios e como eles podem facilitar a sua vida acadêmica.

A equipe do Universia estará no salão da Biblioteca Central até o dia 11 de outubro

O portal Universia foi criado com o objetivo de facilitar a troca de informações universitárias e de se tornar o ponto de referência para a comunidade acadêmica da América Latina e Península Ibérica. O portal Universia.net (www.universia.net) já reúne mais de 600 instituições de ensino superior na Argentina, Brasil, Chile, Espanha, México, Peru, Porto Rico, Portugal, e Venezuela. No Brasil, o Universia (www.universiabrasil.net) iniciou suas atividades em março deste ano e já estabeleceu parceria com 119 instituições de ensino superior o que representa cerca de 50% dos universitários de graduação do País.

O Universia Brasil oferece serviços e informações de interesse acadêmico tais como o acesso às bibliotecas de diversas universidades; a busca de teses e cursos; pesquisas; informações sobre intercâmbio; como preparar um currículo;tudo sobre o primeiro emprego; notícias sobre educação e o dia-a-dia das univer-sidades. Entre os últimos lançamentos, podemos destacar o Universia Social - um canal dedicado à divulgação do trabalho voluntário e Terceiro Setor; o especial Vestibular, onde os internautas encontram os prazos para inscrição, as datas das provas, os gabaritos de exames e a lista dos aprovados nos processos seletivos e Provas Interativas, ferramenta que foi reformulada para oferecer simulados e provas de vestibulares de diversas universidades, com correção on-line.

No portal, o usuário pode conhecer; sem sair de casa, o Museu de Zoologia da USP e saber, com exclusividade, o que acontece com alguns grupos do Desafio Sebrae 2002, que começou quinta-feira, dia 26 de setembro.



***Site* reúne mais de 600 instituições de ensino superior na Argentina, Brasil, Chile, Espanha, México, Peru, Porto Rico, Portugal, e Venezuela.**

Palestra discutiu auto-regulamentação publicitária

Pauo Oliveira examinou novas exigências de aperfeiçoamento e excelência no mercado

Gabriel Scarpelini

Temperando ainda mais a Semana de Seminários, ocorreu no dia 25 de setembro no anfiteatro da ACIU (Associação Comercial e Industrial de Uberaba) uma das mais importantes palestras do evento. O assunto discutido foi o CENP – Conselho Executivo das Normas Padrão.

O CENP foi criado em 1998 e é o resultado de esforço conjunto das oito maiores entidades da indústria de comunicação do Brasil, ele aplica e administra as normas padrão das atividades publicitárias. Estas são um conjunto de regras de auto-regulamentação acordados entre agências, veículos, e anunciantes.

O palestrante Paulo Oliveira, que se autodenominou como vice-papa do assunto falou para, além de alunos e professores da Universidade de Uberaba, alguns integrantes do mercado publicitário de Uberaba, e profissionais da Rede Integração (afiliada Rede Globo).

Sonhando no mundo moderno
obra de Daniels Tjungurrayi - (arte final: Revelarte)

Esta ostensiva opção pela ética, pela transparência e pela busca de mercado cada vez mais profissional e forte iniciou um processo inédito na história da propaganda brasileira, agora em fase de consolidação: o próprio mercado passa a examinar o mercado e a adotar novas exigências de aperfeiçoamento e excelência.

O CENP foi criado em 1998 e é o resultado de esforço conjunto das oito maiores entidades da indústria de comunicação do Brasil

Em novembro de 2000 o acordo foi aprovado pelo CADE – Conselho Administrativo de Defesa Econômica e passou a ser implementado de forma plena em 2002, com o aval dos Veículos de Comunicação, que passaram a exigir o Certificado de Qualificação Técnica como condição para concessão do "desconto padrão de agência" de 20%. Certificado este que começou a ser entregue em setembro de 1999 e hoje já são mais de 3500 agências com este selo de qualidade.

Uma das vantagens das pequenas agências estarem certificadas é o acesso por um preço bem acessível a um banco de pesquisa que democratiza as pesquisas de mídia, antes acessíveis somente para grandes agências.

A palestra, apesar de ter sido voltada para o mercado publicitário, abrangiu vários setores da sociedade, pois o CENP tem o poder de vetar, fiscalizar e interferir naquilo que chega às casas de milhões de brasileiros.

issuu-downloader.com

Estudantes apresentam projetos de Iniciação Científica

Trabalhos aprovados recebem incentivo para o prosseguimento da pesquisa acadêmica

Miriam Lins Caetano
6º período de Jornalismo

O seminário de iniciação científica iniciou-se em Uberaba no ano de 1999, fruto de um ano de trabalho, onde são acolhidos projetos de pesquisas de professores da Universidade de Uberaba. Esses professores, com alunos selecio-nados, se dispõem a desenvolver jun-tos, um projeto durante um ano. No final deste ano os alunos apresentam seus trabalhos no que chamou-se de Seminário de Iniciação Científica.

As bolsas de estudo vêm como um incentivo a mais para que o aluno se interesse pela pesquisa e pela ciência

No ano de 2000 aconteceu o primeiro Seminário de Iniciação Científica. Ao mesmo tempo que era realizado esse seminário, a comissão organizadora acolhia outros trabalhos, até que se completasse o ciclo. Este ano está sendo realizado o 3º seminário. É um programa institucionalizado, inclusive já foi acolhido por órgãos externos como a Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, que concedeu à Universi-dade de Uberaba uma cota de bolsas para pesquisa de iniciação científica. A universi-dade aguarda também uma concessão de cotas do CNPq – Conselho Nacional do Desenvol-vimento Científico e Tecnológico. As bolsas de estudo vêm como um incentivo a mais para que o aluno se interesse pela pesquisa e pela ciência, afinal, é através dos primeiros passos da Iniciação Científica que os alunos se preparam para o mestrado ou o doutorado.

O projeto de Iniciação Científica destina-se especificamente aos alunos da graduação

Projetos aprovados

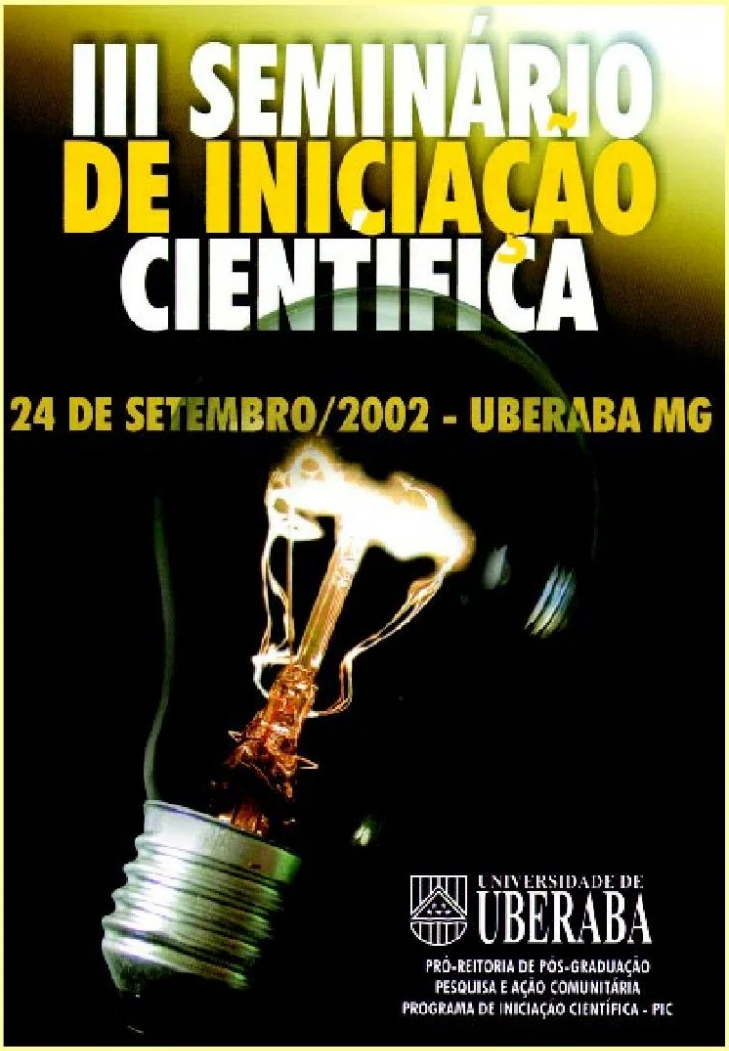
Os projetos de Iniciação Científica vão para a comissão julgadora que avalia e manda para a unidade externa; esta emite o parecer científico. Imediatamente após a aprovação as pesquisas se inciam com o apoio da universidade. Concluído, o trabalho é apresentado no Seminário de Iniciação Científica e exposto na Biblioteca Central do Campus II.

O projeto de Iniciação Científica destina-se especificamente aos alunos da graduação. Atualmente são desen-volvidos 12 professores projetos de iniciação científica na Universidade de Uberaba.

Segundo Henner Alberto Gomide, Pró-Reitor de Pós Graduação, Pesquisa e Ação Comunitária, a Universidade de Uberaba destinava mais recursos para o ensino do que para a pesquisa. Hoje a pesquisa vem conquistando gradativamente o devido reconhecimento. Neste ano foram inscritos 199 trabalhos, dos quais, 153 são da Universidade de Uberaba e o restante de outras instituições de Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

O Seminário de Iniciação Científica conta com 25 sessões realizadas durante o dia todo através de temas variados para todas as áreas. Henner faz uma avaliação geral do resultado: "As apresentações dos alunos foram brilhantes com um nível de trabalho fantástico, mas a participação do público neste ano foi mínima," lamenta-se o professor.

Segundo Henner, o ponto frágil do seminário de Iniciação Científica deste ano ficou por conta do esvaziamento das salas, ou seja, da falta de público. Ele acredita que o fato de o Seminário de Iniciação Científica ser realizado simultaneamente à Semana de Seminários da Universidade, comprometeu a participação do público no primeiro. "Esse ano foi o primeiro onde o Seminário de Iniciação Científica aconteceu junto com a Semana de Seminários e foi muito ruim, porque nós perdemos a potencialidade dos alunos" comenta.



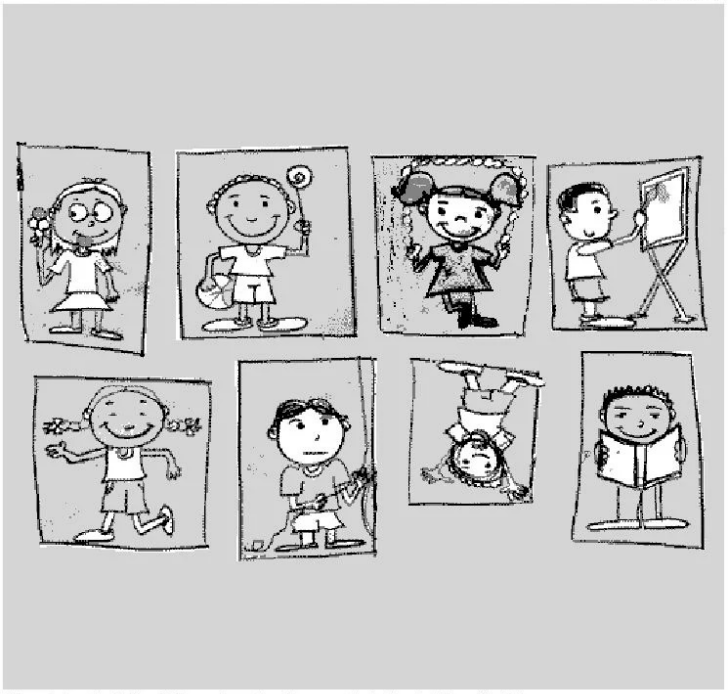
issuu-downloader.com

Alunos de Educação Física resgatam culturas regionais

V Evento de Cultura Popular promove brincadeiras e diversão para as crianças

Miriam Lins Caetano
6° período de Jornalismo

reprodução



Brincadeiras tradicionais foram incentivadas por estudantes de Educação Física

Semana de seminários não é apenas sinônimo de palestras. Para comprovar isso, está aí o curso de Educação Física que promoveu o "V Evento de Cultura Popular Brasileira".

A coordenadora do evento Elmira Alves Silva de Oliveira ressalta que os temas abordados este ano foram psicomotricidade e desenvolvimento motor, entre outros. Para desenvolver o evento a professora contou com a parceria do colégio Ricardo Misson e da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, Apae. Elmira explica que cada disciplina procura desenvolver um tema que tenha a ver com seu conteúdo. Mas não é somente o curso de Educação Física que participa. Os futuros profissionais da pedagogia também se dispuseram a entrar na luta pela integração da sociedade por meio da cultura popular brasileira. "Como a gente trabalha temas tais como: danças folclóricas e brincadeiras, tentamos, através deste evento, fazer um resgate da nossa cultura por meio de uma pesquisa feita pelos alunos sobre os costumes de todas as regiões e hoje fizemos a parte prática que é associada à teoria. Eles pesquisaram as brincadeiras e as lendas de cada região do Brasil", disse a coordenadora.

Os alunos participantes são os do 1° e do 3° ano de Educação Física. Ao todo, 54 estudantes se comprometeram ativamente no processo. O 3° ano trabalhou atividades físicas adaptadas para o portador de defi-ciência física e necessidades especiais enquanto os alunos de pedagogia contribuíram para a integração dos cursos inovando com atividades psicomotoras. Os dois cursos trabalharam unidos neste projeto durante dois meses com muitas expectativas.

Idéia é fazer uma retomada da nossa cultura através de uma pesquisa feita pelos alunos sobre os costumes de todas as regiões

Daniel Vanderlei Dias Prata, aluno do 1° ano de Educação Física acredita que a semana de seminários foi significativa por causa do aprendizado de crianças de diversas culturas e raças. Segundo ele, não são apenas elas que aprendem. "Elas também ensinam muito com seu jeito de ser. Isso é importante para os dois lados", relata. Para ele, o objetivo de integração entre os alunos e as crianças foi atingido. Daniel ressalta que a coordenação do evento está de parabéns e pretende contribuir para outros projetos como este no próximo seminário.

E ele parece não ser o único a pensar assim. Diego Almeida Machado, 9 anos, aluno da 3° série do colégio Ricardo Missom, participou pela primeira vez da semana de seminários. "Estou me divertindo muito com meus coleguinhas, tô compartilhando com todo mundo, brincando… Gostei de fazer pipa, montar carrinho de fórmula um, a gente andou de perna de pau, dançou, tudo que você pode imaginar…" declara o garoto. Ele disse ainda que aprendeu com os alunos de Educação Física a tocar berimbau, jogar capoeira, soltar pipa e várias outras brincadeiras. "E o bom é que eu posso levar para casa as coisas que eu faço aqui. No ano que vem, se deus quiser quero voltar e brincar mais…" de-leita-se.

Eliana da Silva da 15 anos e é estudante da Apae. Também é a primeira vez que ela participa. "Estou gostando, fazendo muitas coisas com meus coleguinhas novos. O que mais gostei foi de fazer pipa. No ano que vem quero voltar de novo…" afirma.

"Estamos resgatando também as brincadeiras que nem se vê mais como a *perna-de-pau* e *pular corda*

Integração

Para Leila Hélida, aluna do 1° ano de Educação Física, a explicação para o sucesso do evento é simples. Ela acredita que o Brasil fica esquecido e o propósito deles é mostrar para as crianças as maravilhas de seu país. "Em cada pedaço da quadra tem uma região do Brasil. Estamos resgatando também as brincadeiras que nem se vê mais como a perna-de-pau, pular corda, etc.", explica a estudante. Ela completa seu comentário dizendo que foi ótima a idéia de integrar as duas escolas porque assim são desenvolvidos, nessas crianças, o senso de que realmente não há diferença entre elas. Leila diz que a brincadeira contribui também para sua profissão em termos de conhecimento do ser humano. "Para o ano que vem espero que não deixem acabar esse senso humanístico, todo ano precisa ter novidade, e o nosso curso procura isso", adianta-se.

Quando o assunto é evolução da semana de seminários, Rodrigo Azevedo Amaral estudante do 3° ano de Educação Física diz que ela foi muito grande. "No meu primeiro ano eram só palestras mesmo. Foi a partir do ano seguinte que abriram a parte prática, o que nos possibilitou trazer crianças carentes de outras escolas para o aprendizado delas e nosso", compara. O estudante afirma que é gratificante contribuir para o crescimento de uma classe tão carente de recursos físicos e psicológicos. Ele confirma o que os outros alunos disseram. Os alunos dos dois colégios não se diferem em nada. E o tratamento dispensado a eles é de igual para igual.

E como se pode notar, não só os alunos contribuem para a realização deste grande evento. Também mar-cou presença a dona Henriqueta Maria de Jesus, que é tecelã há 75 anos. Trouxe seu tear e ensinou os meninos que o antigo algodão pode pro-duzir o fio que tece as roupas. Ela veio de Coromandel, Minas Gerais e se sente muito feliz por poder participar do evento de cultura brasileira. "Dona Henriqueta é uma lembrança viva do nosso Brasil", declaram os alunos que se sentem honrados com a presença de alguém que sai de longe para contribuir com as crianças carentes.

issuu-downloader.com

O Minuto da fama

Em sua 7ª edição, o Festival Universitário do Minuto surpreende pela criatividade

Yrnna Andrêzza Marinho de Serpa

Estudante de Publicidade e Propaganda comemoram pelos vídeos premiados

Felipe Augusto
2º período de Jornalismo

Muita festa, criatividade, irreverência e boas risadas foram marcas registradas da 7ª edição do Festival Universitário do Minuto realizado no dia 24 de setembro no Centro Cultural Cecília Palmério. O festival já faz parte do calendário fixo da Semana de Seminários da Universidade de Uberaba.

O público esperava muito das produções dos alunos, e estava com uma grande expectativa. A professora Janete Tranqüila, por exemplo, sempre frequenta os festivais "a cada semestre a gente vê maior participação de alunos, até mesmo de outros cursos", comenta. Além de alunos da universidade, estudantes secundaristas também produziram vídeos e concorreram no festival. "O que serviu de incentivo para meus colegas participarem" disse Leonardo Ramalho, aluno do ensino médio em Uberaba, participante e ganhador do prêmio Revelação do último festival.

O festival contou este semestre com um novo animador e apresentador, o Gustavo "Pingüim" aluno do 2º período de Publicidade e Propaganda da Universidade de Uberaba. Após as apresentações, tanto do apresentador quanto dos jurados, começaram as exibições dos vídeos divididos em categorias. A primeira categoria a ser exibida foi *Publicidade*, seguida de *Educacional*, *Drama*, *Animação* e a última categoria *Humor*. O regulamento do festival determina apenas as categorias. Os temas ficam a critérios dos alunos. esta liberdade revela uma preocupação dos estudantes com as questões sociais, principalmente com a paz, a solidariedade e o meio ambiente. A importância da doação de sangue, da prudência no trânsito e conscientização sobre a escassez da água, são alguns exemplos de temas tratados pelos alunos.

Neste semestre, o festival contoucom um novo apresentador: Gustavo "Pingüim"

Alguns integrantes do corpo de jurados que já se tornaram veteranos fazem uma análise positiva da evolução do festival "cada vez mais competitivo e mais difícil de julgar", declara o assessor de imprensa Marcos Moreno, que é jurado desde de a primeira edição do festival.

Enfim, a hora do resultado. Anunciada a categoria, o filme escolhido pelos jurados eram novamente passados no telão. Em cada uma das categorias a equipe de produção dos filmes eram chamadas até a frente para receber o troféu específico de sua categoria e o prêmio em dinheiro.

Alguns dos vencedores não esperavam a vitória, "o vídeo tava muito ruim", disse Thiago Gerolim, aluno da Universidade de Uberaba e ganhador do prêmio na categoria Humor.

O mais importante no festival é o espirito competitivo. O grade barato é simplesmente participar e passar alguma mensagem importante para o público. "Meu maior prêmio seria se as pessoas se concientizassem sobre o valor que a água tem", afirmou Bertone Belela, aluno de Publicidade e ator no vídeo "A gota d'água", mostrando, assim como a maioria, possuir o verdadeiro e espontâneo espírito do festival.

Confira os premiados

GRANDE VENCEDOR
Caminhos diferentes. Mesmo ideal
Equipe: Flávia, Ticiano, Fábio, Daniela, Karine, Hugo, Luciano, Lislena e Cristiano

PUBLICIDADE
O pulso ainda pulsa
Equipe: Antônio Maranhão, Carolina Ribeiro, Hugo Leonardo

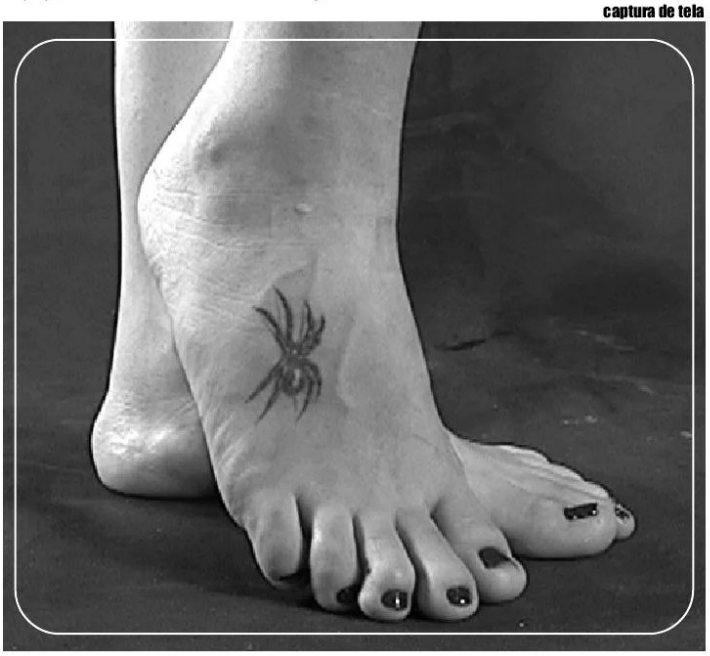
EDUCACIONAL
Cem anos de Carlos Drummond
Equipe: Wander Marcio de Rezende, Elmo Carvalho

DRAMA
Paz
Equipe: Alex, Andreza, Erlaine, Karla, Luíza, Neto, Patrícia, Renata, Vanessa

ANIMAÇÃO
Evolução
Equipe: Fábio Ramalho Lopes, Priscila Morais

HUMOR
Candidate's Show
Equipe: Letícia Bracarense e Thiago Zerolim

captura de tela



Cena de Caminhos diferentes. Mesmo ideal (pé pede paz), o grande vencedor do festival

issuu-downloader.com

Empreender pode ser o caminho para um país melhor

Oficina pretendeu fomentar a cultura empreendedora na universidade

Jeferson Soares
2º período de Publicidade

O cultura empreendedora pode ser a solução para a pobreza no Brasil, pois o empreendedorismo é uma forma de se sonhar e buscar alternativas para se realizar esse sonho.

No Brasil, um dos campeões na concentração de renda, vem se transformando e criando alternativas para se vencer essa imensa crise, sendo mais que uma preocupação com o indivíduo o empreendedorismo deve se relacionar com a comunidade transformando-a na autora de seus processos de mudanças necessárias para o seu crescimento e para todos terem acesso a riqueza.

O ser empreendedor precisa ser despertado nos brasileiros, criando assim uma comunidade inovadora que buscará alternativas para resolver problemas que persistem, limitando a imensa capacidade de sonhar e de transformar sonhos em realidade.

Somente a duas décadas que se sabe que é possível estimular nas pessoas ao empreendedorismo, não importando a idade, formação ou origem. Também é recente a percepção que o empreendedor é o elemento que dispara o processo de desenvovimento.

Fernando Dolabela prega o desenvolvimento através do trabalho de indivíduos inovadores

Por isso a Universidade de Uberaba na sua XIV Semana de Seminários e a Unitecne, Incubadora de tecnologia e Negócios trouxe a Uberaba o professor Fernando Dolabela, considerado o "papa" do empreendedorismo no Brasil.

Autor de vários livros entre eles; O Segredo de Luíza, Oficina do Empreendedor, A Vez do Sonho, Dolabela segue pregando o desenvolvi-mento de uma sociedade empreendedora através do trabalho de indivíduos inovadores.

Fernando Dolabela é consultor, criador dos maiores programas de ensino de empreendedorismo do Brasil para terceiro e segundo graus. Introduziu o empreendedorismo na UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais.

A sua formação acadêmica inclui dois cursos de bacharelado na UFMG (Direito e Administração), pós graduado na Fundação Getúlio Vargas-SP e mestre em Administração UFMG.

A Oficina foi realizada com o objetivo de multiplicar entre professores universitários a metodologia do ensino do empreendedorismo. Ele quer fomentar a cultura empreendedora na universidade.

Foram 40 professores da Universidade de Uberaba capacitados para o ensino do empreendedorismo, com isso formando alunos empreendedores.O curso foi ministrado na ACIU, sexta-feira dia 27/09, das 08 às 17 h. e no sábado dia 28/09, das 8 as 13h.

"Temos que criar incubadoras sociais"

Entrevista com o Professor Fernando Dolabela, que ministrou a oficina de empreendedorismo

Em entrevista concedida ao revelação o Professor Fernando Dolabela relatou a importância do empreendedorismo ser ensinado nas instituições de ensino e em outros meios.

Revelação: Como o Sr. Avalia a aplicação do empreendedorismo nas Empresas Juniores?

Dolabela: É muito importante que exista o espirito empreendedor nas empresas juniores, elas tem que se transformar em empreendedoras porque a concepção das empresas juniores e diferente, as Empresas Juniores buscam competências nas áreas gerenciais e técnicas, tradicionalmente não buscam competência na criação de empresas. É um movimento muito importante mas é preciso portanto que os empresários juniores se atentem para fato de serem empreendedores.

Revelação: Dê que forma que os alunos das Empresa Júnior pudessem também ter uma formação empreendedora enquanto consultor júnior?

Dolabela: Teria que mudar a concepção das empresas, pois o empreendedorismo significa a busca e realização de um sonho, significa que um aluno deveria montar seu próprio projeto na Empresa Júnior. O grande papel das Empresas Juniores não é elas se tornarem em empreendedoras mas sim trabalharem junto com as empresas que surgirem, acho que ela é muito boa do jeito que está, ela é uma excelente experiência para os alunos na área de gerenciamento e na área técnica e esta boa assim. Na minha opinião elas devem trabalha junto com os empreendedores que forem surgindo, dando consultoria, participando do processo. A Empresa Júnior é uma importante consultora para as empresas nascentes nas universidades e nas incubadoras.

Revelação: Qual a importância do empreendedorismo no exercício profissional de um professor?

Dolabela: Acho que o professor primeiramente deve ter que ter entendido o que é empreendedorismo. Ele tem que empreender na área de ensino e pesquisa, esse é o empreendedorismo de um professor. Ele tem que entende que o aluno tem que ter uma formação empreendedora e que ele é uma instrumento importante para disseminação dessa cultura.

Revelação: Sr. tinha o sonho de criar uma metodologia para ensinar empreendedorismo para o ensino fundamental que estava prevista para teste em 2001, essa metodologia foi concluída e quais os resultados obtidos?

Dolabela: Os resultados são apaixonantes, estamos fazendo ainda um piloto mas existem resultados através da narrativa de casos relatados por professores, estamos implementando em vários lugares do Brasil, Japonvar norte de Minas, grande Belo Horizonte.

Revelação: Há diferença na metodologia de ensino do empreendedorismo aplicada no norte de minas para uma aplicada na grande Belo Horizonte?

Dolabela: A diferença é o seguinte, o fundamento metodológico e o mesmo, mas o professor recria a metodologia na aplicação porque ele tem que adaptar aquela metodologia para a realidade deles, então e na aplicação que a metodologia tem que ser moldada as características culturais dos alunos da instituição onde ele leciona e da comunidade, todos os atores tem que ser considerado na adaptação metodológica.

Revelação: Esse ano o Sebrae destinou 14 milhões de reais para o programa nacional de Incubadoras de Empresas, como você avalia esse movimento?

Dolabela: É um movimento importante, a Anprotec faz um belo trabalho, é um movimento que sinaliza positivamente o empreendedorismo, uma mudança cultura. As Incubadora tem um valor simbólico e prático que é de criar empresa com a taxa de mortalidade menor e empresas de maior qualidade.

Revelação: No seu ponto de vista as Incubadoras de Empresas são um centro disseminador da cultura empreendedora?

Dolabela: Com certeza porque ela sinaliza. Quando se tem uma incubadora de empresas na universidade mostra que é legal ser empreendedor, os alunos devem procurar esse caminho isso significa mudança à cultura anterior do emprego. Agora nos temos que criar também incubadoras sociais, processos amplos de transformação da perspectiva de inserção profissional, nos temos que incubar pessoas pobres em outros tipos de incubadoras.

Colaboraram: Alunos do curso de Publicidade e Propaganda

issuu-downloader.com

Sipat

Aqui a prevenção tem espaço garantido

Oficinas desenvolvem atividades educativas com funcionários

Miriam Lins Caetano
6º período de Jornalismo

O XXIII Seminário Interno de Prevenção em acidentes de trabalho, Sipat desenvolve atividades para os funcionários da Universidade de Uberaba e neste ano foi realizado simultaneamente com a XIV Semana de Seminários.

Márcio Macedo é diretor do Núcleo de Informática da Universidade de Uberaba e presidente da Cipa, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Ele explica que o Sipat disponibiliza conteúdos diferentes e atualizados cujo objetivo é o despertar para a importância da prevenção de acidentes. Márcio revela ainda que os palestrantes convidados dispõem de características que vão desde o domínio do conteúdo até a didática necessária para atingir os objetivos. Ou seja, a forma como os temas são abordados deve contemplar a compreensão de funcionários de qualquer nível de escolaridade. "A qualidade de vida, envolvendo alimentação, prevenção de doenças, tabagismo, alcoolismo e outros, foram trabalhados durante toda a semana, pois segundo Macedo, a qualidade de vida é uma preocupação atual e comum a todos.

Alcoolismo e drogas também foram assuntos tratados com destaque durante o evento

"A Cipa este ano investiu em atividades lúdicas e culturais para tratar de assuntos que anteriormente eram abordados mais como um puxão de orelha dos funcionários", comenta. As campanhas de conscientização contra drogas, alcool e de prevenção de acidentes já são bastante conhecidas e às vezes não dão o retorno ideal. "Trouxemos os mesmos assuntos através de eventos culturais, tais como: peças teatrais, corais e a mímica" comenta. Márcio acredita que o sucesso de público que lotou o auditório do bloco D, se deve a democracia na escolha dos temas. A Cipa contou com a colaboração de 12 representantes de diversas setores da instituição, que se encarregaram de investigar entre seus colegas de trabalho seus temas preferidos. O resultado final é sempre satisfatório, afirma o presidente.

Oficinas

Além das apresentações culturais e das palestras, são realizadas oficinas que ensinam por exemplo como adotar uma alimentação saudável e barata, assunto que despertou grande interesse.

"Cipa e você construindo a sua qualidade de vida". Este foi o grande tema do XXIII Sipat. Através deste tema a finalidade é buscar através de atividades concentradas em uma semana, despertar os funcionários para o fato de que para melhorar a qualidade de vida não são necessários muitos recursos. Assistir a uma peça de teatro ou a uma apresentação musical, se divertir com atividades culturais são atitudes que contribuem para uma vida melhor. Também com baixo custo as pessoas podem levar um vida saudável se alimentando bem. E, acima de tudo, ressalta Márcio é possível não contrair o vírus HIV, através da prevenção.

Alcoolismo e drogas também foram assuntos tratados com destaque durante o evento. As graves consequências do uso destas substâncias geram problemas não só para os parentes, amigos e colegas de trabalham que cercam o usuário, mas principalmente para ele próprio.

Participação

Outro aspecto positivo apontado por Márcio Macedo está relacionado à presença maciça e constante do público. Ele acredita que a participação de praticamente 100% dos funcionários nas atividades pode estar ligada a dois fatores. O primeiro é a distribuição antecipada de convites personalizados para cada um deles. Com a programação na mão, é só agendar e assistir ao tema de seu interesse. O segundo é o fato de que atualmente os funcionários estão mais interessados no próprio bem estar assim como no bem estar de toda a comunidade. "Todos se envolveram bastante". A presidenta da Sociedade Educacional Uberabense, mantenedora da Universidade de Uberaba, Vera Palmério, por exemplo, encaminhou uma mensagem a todos os funcionários onde além de convidar para o evento, ela lembra que todas as atividades eram importantes para o enriquecimento pessoal. Nada foi forçado, nada foi obrigado, mas pelo fato da escolha de assuntos interessantes ter sido feita por eles a presença foi maciça" entusiasma-se.

Funcionários estão mais interessados no próprio bem estar assim como no bem estar de toda a comunidade

Definitivamente a presença do público é importante. Por lei o funcionário deve ser liberado de suas atividades profissionais pelo menos um dia na semana para assistir às palestras. Muitos funcionários confirmaram presença a semana toda. Eles participaram de atividades depois da jornada de trabalho ou vinham mais cedo para a instituição. A zeladora Maria das Graças por exemplo, chegava duas horas antes do seu horário de trabalho para se inteirar do assunto alimentação. Ela conta que em casa discute sobre os temas com o marido e ainda dá umas dicas para o filho adolescente sobre drogas e doenças.

O Sipat conta a cada versão com um número maior de público. No início da semana registrou-se a participação de 200 funcionários e ao final o número já somava 300 pessoas. "O que estamos notando é que as pessoas que assistem saem falando: 'Olha, foi legal!'", destaca o organizador. Muitas das pessoas que assistem às palestras vão atrás de mais informações para detalhar o assunto como receitas para a alimentação saudável, e os organizadores têm tudo na mão à disposição dos funcionários.

Um tema que também agradou foi a palestra sobre qualidade total. Márcio afirma que tentará trazer mais temas ligados a este assunto no próximo ano.

Quanto aos palestrantes, o coordenador do evento afirma que Uberaba é uma cidade rica em profissionais altamente qualificados que vêem por vontade própria sem cobrar nada. "Temos então pessoas querendo contribuir com a informação e pessoas querendo receber essas informações. É só fazer acontecer" conclui.

issuu-downloader.com

Ararinha Azul e Livros bem cuidados.
Espécies ameaçadas de extinção.
Ajude a preservá-las.

issuu-downloader.com